

METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO

ÁLVARO VEIGA JÚNIOR¹;
ALINE ACCORSSI²

¹UFPELL/PPGE – *avj.pedagogia@gmail.com*

²UFPELL/PPGE – *alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão teórica baseada em experiências, ao longo de 48 anos, como aluno e de 18 anos como professor, que percorreu quase todos os níveis de ensino e modalidades (Educação Infantil, Ensino Básico, Superior, EJA e tutor e professor-pesquisador EaD) e algumas disciplinas, entre elas biologia, matemática e ciências, no ensino básico e no ensino superior algumas disciplinas e áreas de licenciatura de Pedagogia e Filosofia. Deste contexto, nasce a ideia de pesquisar a parte da metodologia do processo de pesquisa em educação.

Nesta tessitura, duas perspectivas se destacam: a pedagogia popular e problematizadora de Paulo Freire (FREIRE, 1992 e 1996) e as epistemologias do sul, de Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 1989, 2006, 2007 e 2010). Na compreensão destes referenciais, procuro investigar relações entre ensino e educação, considerando experiências e práticas contrastantes da colonialidade, vinculadas ao paradigma hegemônico [especialmente no ensino, o iluminismo, tecnicismo e o positivismo] com os recentes estudos descoloniais e contribuir com o campo da metodologia científica. Preciso dizer com isto que o objetivo não é o mesmo dos pesquisadores em metodologia científica quando escrevem manuais ou compêndios sobre o tema. Busco a configuração do processo de pesquisa qualitativa em educação, como modalidade de estudo metodológico. O objeto da pesquisa é seu próprio percurso metodológico. Sua intensidade se situa melhor no polo idiográfico (numa abordagem mais local, singular e própria) do que no nomotético (estudo das leis gerais da realidade).

Nesse sentido, pois nunca se parte do vazio, a reflexão precisa expressar sobre a importância das articulações em um mundo fortemente fragmentado e de instituições conservadoras. O trabalho fala sobre educação e pesquisa ou pode ser também pesquisa em/com educação, ou melhor ainda, na pesquisa para a causa da educação. E, se impacienta ao ver o ensino como dimensão social desprestigiada, muitas vezes presente em discursos, sendo utilizado para alavancar carreiras, ou, como fecho de plataformas partidárias, mas tratado na prática com menosprezo e vergonha. Este fenômeno é pressentido em todo o âmbito escolar. No grau mais elevado, chama-se Ensino Superior, porém na cultura da moda e da vaidade desta língua-pátria, para regozijo de muitos, melhor seria se chamar “Conhecimento Superior”, pois assim pesquisadores não precisariam se identificar profissionalmente como professores e se ocupar deste “ofício supérfluo”. Ficaria mais fácil dizer aos seus pupilos que sempre estão enganados, são ignorantes e preguiçosos.

O que pretendo dizer é que, expondo posições no texto, estas meditações se referem ao ensino, à pesquisa, à extensão, à formação humana, cidadã e profissional. Dizer, que tudo isso está tanto no âmbito das instituições, seja na escolar básica, quanto na escolar superior, porque precisamos de conhecimentos circulados, um tipo de conhecimento que precisa partir de todas, e, chegar a todas as pessoas. Depois colocadas aqui algumas tintas da cosmovisão deste pesquisador, situo o estudo como uma etapa da pesquisa de doutoramento em educação. Antes de perguntar sobre as aprendizagens dos pesquisadores em

suas pesquisas e se esta formação deveria estar incorporada no relatório como objeto escrito, pretendo enfocar centralmente a metodologia de pesquisa. Entendo que o estudo dos métodos é o começo da pesquisa mais longa e aprofundada, de natureza formal e institucional.

Com o perdão da metáfora burguesa, é o começo do ataque ao cume, ao pensar na estratégia dos alpinistas, se preparando para a etapa mais complexa da escalada. Ao propor estas conexões pretendo a reparação de uma injustiça com a educação. O valor da metodologia enfrenta uma seara hostil. Esta monocultura, traz heranças da escolarização, em sua progressividade (ao menos cronológica), contudo oferece, depois de tanto formatar, fragmentar e ensinar a obedecer, a oportunidade de transigir da máxima heteronomia para uma autonomia mínima e exequível. Afinal, excluídos os professores acidentais, aqueles que se equivocaram ou se acomodaram; o profissional que optou pela profissão de educador de algum modo busca a emancipação individual, social e a melhoria do mundo. Pode ser um especialista, mas como educador se construirá em abertura com a realidade, se atualizando, se modificando como pessoa. Para ser bom especialista e educador não bastaria dominar seu campo, mas aprender constantemente a dialogar e desenvolver a racionalidade crítica, a criatividade e a afetividade. Estar em movimento vital, longe do ressentimento pelos fracassos, longe da vaidade dos sucessos. Entre contextos e problematização, estaria presente a metodologia científica? A metodologia é muito constituída pela epistemologia e ao mesmo tempo é uma literatura pessoal? Vejamos que durante todo o processo da investigação as escolhas e posicionamentos entre as opções possíveis precisam ser mapeadas, das escolhas decorrem novas situações e novas percepções, estando o sujeito em pleno devir sensório-cognitivo.

2. METODOLOGIA

Na construção de seu método em processo de comunicação e aprendizagem concernentes às pesquisas qualitativas em educação busco aproximações nas pesquisas metodológicas, nas pesquisas participantes e etnográficas. Procuro seguir os princípios dialógicos-dialéticos da práxis pedagógica e dos ciclos gnosiológicos, do pesquisar, ensinar a aprender, que constituem momentos dinâmicos e contingentes, ora simultâneos, ora em destaque, para reflexões e construção de teorização. As pesquisas em educação indicam ter herdado (um reino) o modo operacional das ciências modernas, que entre muitas características coloniais eram hierarquizadoras dos campos de saberes, valorizavam a tecnologia e o domínio da realidade. Entendo que com isto, se valoriza na ciência muito mais os produtos e resultados, para serem disputados e comercializados, do que propriamente ensinar a metodologia e o compartilhamento de como de fazer. Práxis, que é um processo contrário ao valor de venda. Nesse sentido, ensinar a pesquisar e construir metodologias se situa num paradigma solidário e democrático. O ensino tradicional é baseado na transmissão de conteúdos produzidos em situações que não são vistas ou caracterizadas por educativas. Sob este domínio, trata-se de uma exposição arbitrária de produtos, mas não o ensino de aquisição dos processos epistemológicos para a sua obtenção. Creio que o efeito desta prática é reprodutivo e alienante, pois priva os estudantes de vivenciarem as interações e conhecerem a totalidade das relações implicadas na construção do conhecimento. Este efeito alienante tem um componente conservador, pois adapta a formação humana para o mundo existente, deixando de incentivar o questionamento e a criatividade.

Não existe pesquisa sem metodologia, não existe ciência sem pesquisa. Portanto, ciência e metodologia são esferas estreitamente relacionadas. E ao



reportar-me sobre as sociedades avançadas e complexas, entendo que estas são constituídas em sua organicidade e politicidade pela educação e pela tecnologia. Sigo a argumentação sobre a fertilidade das interdependências, ao contrário da agência da fragmentação e dos domínios estanques. Por serem atividades humanas, são dependentes, direta ou indiretamente da sociedade e dos saberes que historicamente a constituem.

Em todas estas dimensões, em maior ou menor grau, o ensino está presente e é necessário em sua sistematização e intencionalidade. Na esteira do ensino, dos saberes acumulados e dos conhecimentos, a epistemologia pode ser compreendida como a prática social da ciência que é estudada do ponto de vista científico e histórico, na busca dos avanços do conhecimento, numa perspectiva mais internalista. E, mais recentemente, externalista, voltando-se para as percepções sociais e culturais. Deste modo, na operacionalização desta pesquisa, os estudos descoloniais estão direcionados para que pensemos a epistemologia popular e problematizadora que engendre uma educação cultural e social e sua circulação de saberes em direção ao paradigma emergente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As correntes filosóficas embasadoras da teorização do paradigma emergente do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos se direcionam para propor uma nova epistemologia radicalmente social e democrática: a teoria crítica, a antropologia cultural (a etnometodologia), a hermenêutica, o pragmatismo e o pós-estruturalismo. No entanto, além de existirem outras influências, todas estas correntes foram modificadas em profundidade, se distanciando do etnocentrismo ocidental moderno, tendo em base a responsabilidade, as consequências dos processos científicos e educacionais para enfrentar o desenvolvimentismo e o progresso industrial capitalista. Para conceber a complexidade, em oposição ao reducionismo, a contextualização em oposição à hierarquia, abstração e o dogmatismo; a suspeição e a provisoriade ao contrário das certezas e das leis. E, enfim, a compensação e reversão ao invés da exploração, degradação, aniquilação humana e ecológica.

Existem poucos estudos publicados sobre pesquisa metodológica no Brasil, constando apenas como uma parte de investigação, e não raras as vezes reduzidos à dimensão técnica e procedimental do estudo. O frequente é se utilizar de uma modalidade metodológica (etnografia, autobiográfica, dialética etc.) para adequá-la ao problema de pesquisa e se alinhar ao referencial teórico. Não se observa práticas de estudar uma modalidade como objetivo, nem como questão de pesquisa que movimenta o processo de teorização. É possível dizer que há uma lacuna de estudos no campo da educação onde se procure articular o processo de ensino-aprendizagem, diretamente ligado com os sujeitos de pesquisa, com a metodologia. Ou em outras palavras: pouco sabemos como os sujeitos de pesquisa aprendem e se constituem ao se entranharem nas escolhas científicas fundamentadas na teorização. Disso desdobra-se o interesse de pesquisar a metodologia de pesquisa ligada à educação. Para obter noções sobre a qualidade da aprendizagem e desaprendizagem epistemológica dos pesquisandos ao direcionar as suas motivações de estudo.

Ao tratar do campo da educação como pesquisa, proponho que o ensino e aprendizagem necessitam de uma atenção vital no processo do estudo. Caso se negue isso, se estaria reproduzindo o modelo de objetificação que tem inferiorizado epistemologicamente a educação. Poderemos estar perpetuando o diplomismo e a cultura da aparência, fazendo estudos, diálogos, escritas e leituras que não toquem o próprio ser. Assim, será, se o conjunto da produção de pesquisa se resumir na sua maioria aos relatórios de pesquisa (monografias,

dissertações e teses) como produto escrito, que consta uma resposta estrita a uma pergunta estática. Onde nele, não se encontre as marcas do processo, a reflexão crítica e a autoavaliação das pessoas que por desejo de qualificação alijaram caminhos próximos da culminação escolar. Proponho pensar a metodologia como estudo epistemológico de aproximação e delimitação da realidade a ser abordada e conhecida, seja parcialmente, seja provisoriamente.

4. CONCLUSÕES

A metodologia é a dinâmica epistemológica que move a dinâmica da pesquisa, e a pesquisa é a instância social favorecida para a produção de conhecimentos inovadores. A alienação é um fenômeno complexo, mas nesta abordagem posso afirmar que está ligada ao pensamento estático, fragmentário e totalitário. Por isso, a escrita de um relatório de pesquisa necessita ter uma configuração processual, insatisfeita com a sua forma limitada, tendendo para uma linguagem literária e artística. Um relatório tensionado para valorizar os diferentes processos formativos, sendo um recorte fundamentado da realidade que busque abrir-se em rede social.

Mesmo que na pesquisa institucional exista formato o linear e sequencial, o princípio, meio e fim, nas etapas e no cronograma, e, mesmo que a escrita seja "letra preta no branco", da esquerda para direita, de cima para baixo, a realidade não é linear e o processo educativo. Não pode, claro, se encerrar num relatório. Do mesmo modo, a educação baseada na memorização de conteúdos e produtos prontos já está muito distante de um projeto de mundo contemporâneo, a pesquisa pontual, disciplinar e restrita a um objetivo único se afasta da educação do pesquisador e da função social da pesquisa, que contribua para concebermos uma humanidade decente e prudente. No reconhecimento da crise do paradigma, podemos aguçar nossa percepção e percorrer caminhos que já indicam o paradigma emergente. Assim, temos a tarefa de voltar a pesquisa para coerência da valorização da educação como dimensão indissociável da pesquisa, em todos os espectros escolares para a democratização da ciência e da sociedade.

Melhor será se percebermos o relatório como possibilidade de registro da relação meditativa, corporal e sensível entre os percursos metodológicos. Desta forma, ele será um produto representativo e responsável da pesquisa. Se pensarmos que as pesquisas em educação podem variar em graus de relevância social, num grau baixo, servirá apenas aos interesses individuais e se ligando aquilo que se chama de diplomismo, de competição e de meritocracia. Portanto, quanto mais intensa e crítica é relação da metodologia com a subjetividade e com a dinâmica do movimento da sensibilidade- consciência mais este produto representará o processo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. SP: Graal, 1989.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre a ciências revisitado**. SP: Cortez, 2006.

_____. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. SP: Cortez, 2007.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul**. SP: Cortez, 2010.